

DOSSIER

OFICINA ABRIGAR E CUIDAR

**OFICINA DE ANTROPOLOGIA
para as artes e design**

Opção livre | 2024

Teresa Fradique

TORNAR-SE SELVAGEM (2020)

Jerá Guarani

Se fizéssemos um estudo antropológico na cultura de vocês, teríamos qualificações e um respaldo maior para conseguir convencer muitas pessoas a se tornarem selvagens, a se tornarem pessoas não tão intelectuais, não tão importantes. Vocês passariam a correr o risco diário de ser assassinados, de ter suas casas e suas famílias queimadas, seus filhotes queimados. Mas, de um modo geral, vocês seriam melhores.

Não fiquem assustados: tenho amigos juruás muito queridos e contamos com muitos parceiros juruás que lutam conosco. Muitos já morreram e outros ainda vão morrer. Tornar-se selvagem não é algo que pode acontecer rápido, de um dia para outro, mas algo que implicaria momentos de muita dedicação e de muito trabalho por parte de vocês, não indígenas.

(...)

Quando os Juruá chegaram à aldeia, rapidamente depararam com a falta de arquitetura considerada conveniente, correta e confortável, porque na aldeia não existiam casas de alvenaria nem todas as outras construções da cidade - nem automóveis, nem máquinas, nem escadas rolantes. As pessoas simplesmente têm uma casinha de pau-a-pique e cozinham no chão com lenha, todos cobertos de terra, com as crianças descalças. Assim, imediatamente, fomos considerados um povo miserável, um povo que precisa de muita ajuda, um povo de coitadinhos. "Eles são muito sofridos, são muito sujos!"

E começaram a levar alimentos para a aldeia. Naturalmente, as pessoas têm curiosidade, começam a experimentar as comidas do Juruá e se encantam com a praticidade. Mesmo sendo Guarani, o fascínio ocorria com a população indígena em vários aspectos. Desde quando começamos a consumir esses produtos, ficamos por mais de 70 anos na aldeia guarani, na capital de São Paulo, sem comer ou plantar mais nossos alimentos tradicionais.

Éramos mais de 170 famílias que tinham ocupado todo o espaço, e não havia lugar para plantar nossas comidas tradicionais. Com o passar do tempo, com esse número todo de pessoas numa aldeia pequena tendo muito acesso à cidade e às coisas dos Juruá, as coisas dos guarani foram desaparecendo. Eu mesma só fui conhecer os milhos guarani aos 30 anos de idade. São milhos coloridos, muito bonitos e gostosos de comer. Mas antes eu não os conhecia.

As aldeias começaram a surgir, inicialmente, em caráter de retomada. Retomamos a aldeia Kalipety, que já era reconhecida como Terra Indígena pela Funai, mas não pelo Ministério da Justiça, em 2013. Depois do reconhecimento da Funai, lutamos pela portaria declaratória, dada pelo Ministério da Justiça. Em seguida, vem o trabalho da demarcação física, que é o que ainda não temos. Mas antes mesmo que saísse a portaria declaratória, para dar sentido e ânimo ao esforço de fortalecimento cultural e de luta pela terra, entramos na aldeia Kalipety e começamos imediatamente a plantar.

Plantamos, com muita alegria, tudo o que tínhamos conseguido coletar em outras aldeias e em feiras de troca de sementes. Saímos da Terra Indígena Tenondé Porã, onde quase não tínhamos espaço para plantar, e, de repente, estávamos em uma área com muito espaço. Era uma área que havia sido explorada com plantio de eucalipto pelos

(...)

Em seis anos conseguimos recuperar mais de 50 variedades de batata doce e mais de nove tipos de milho. Plantamos também amendoim, banana verde, mandioca e plantas que os Juruá chamam de PANCs (plantas alimentícias não convencionais).

(...)

Gosto de chamar mais pessoas para serem selvagens. O nosso planeta, do jeito que está, está sofrendo muito, está chorando, está gritando, e, por estarmos integrados com ele, vamos ter que começar a viver, a ver, a saber e a ter que enfrentar muitas coisas negativas também. Fumo cachimbo, faço fogo no chão, cozinho, durmo e acordo com a cantoria dos passarinhos, e tudo isto é tão simples, mas é tão bonito, tão lindo, tão importante.

Excertos retirados do artigo GUARANI, Jerá, 2020. "Tornar-se selvagem". PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 14, págs. 12-19.

Building, dwelling, living: how animals and people make themselves at home in the world (2000)

Tim Ingold

Este capítulo é parcialmente autobiográfico e descreve as minhas próprias tentativas, ao longo dos últimos anos, de encontrar uma forma satisfatória de compreender as relações entre as pessoas e os seus ambientes. É incompleto, no sentido em que não posso afirmar que já encontrei, ou que alguma vez encontrarei, respostas definitivas para as questões que me estão a incomodar. De facto, se uma das principais conclusões do que tenho para dizer é que os chamados "fins" ou "objectivos" são apenas marcos numa viagem, então isto deve aplicar-se tanto ao meu próprio pensamento e escrita como a tudo o que as pessoas fazem no mundo. A coisa mais fundamental sobre a vida é que ela não começa aqui ou termina ali, mas está sempre a acontecer. E pela mesma razão, os ambientes nunca estão completos, mas estão continuamente em construção. O meu objetivo aqui é considerar as implicações deste ponto no que diz respeito às nossas ideias sobre as semelhanças e contrastes entre os seres humanos e os outros animais no modo como criam ambientes para si próprios. Estou preocupado, em particular, com o significado da arquitetura, ou da parte do ambiente que é convencionalmente descrita como "construída".

Nos últimos anos, as minhas próprias ideias sofreram uma espécie de mudança radical, e é aí que entra o elemento autobiográfico. Comecei com uma visão que era - e de facto ainda é - bastante convencional na antropologia, uma visão que parte da premissa de que os seres humanos habitam mundos discursivos de significados culturalmente construídos, dispostos sobre o substrato de um terreno físico contínuo e indiferenciado.

(...)

Algo, senti, deve estar errado algures, se a única forma de compreender o nosso próprio envolvimento criativo no mundo é retirando-nos dele. Por fim, apercebi-me de que, embora o problema fosse antropológico, exigiria mais do que uma solução antropológica: o que é necessário é uma forma completamente nova de pensar sobre os organismos e sobre as suas relações com os seus ambientes; em suma, uma nova ecologia. E é em direção a esta nova ecologia que tenho andado a tatear.

(...)

Nesta tarefa, inspirei-me em três fontes principais [ver texto original, mas fontes vêm das áreas da biologia, da psicologia ecológica e da filosofia].

Em primeiro lugar, as três abordagens [fontes principais] invertem a ordem normal de prioridade normal, isto é, na história do pensamento ocidental - da forma sobre o processo. A vida, nesta perspetiva, não é a revelação de uma forma pré-existente, mas o próprio processo em que a forma é gerada e mantida no lugar. Em segundo lugar, as três abordagens adoptam como ponto de partida comum o agente-em-seu-ambiente, ou aquilo a que a fenomenologia chama "estar no mundo", por oposição ao indivíduo autónomo que se confronta com um mundo "lá fora". Em suma, defendem que é pelo facto de ser habitado, e não pela sua assimilação a uma especificação formal de concepção, que o mundo se torna um ambiente significativo para as pessoas. No que se segue, refiro-me a esta posição como a "perspetiva do habitar" [*dwelling perspective*; no original], em contraste com a posição mais convencional a partir da qual comecei, e que designarei por "perspetiva do construir" [*building perspective*; no original]. Assim, o movimento no meu próprio pensamento foi da perspetiva da construção para a perspetiva da habitação. Para documentar este movimento, começarei por explicitar mais profundamente a primeira destas perspetivas e as suas implicações para a forma como entendemos a construção do ambiente construído. Em seguida, explicarei o que implica a adoção de uma perspetiva de habitação em seu lugar. Por fim, analisarei o modo como esta passagem de uma perspetiva de construção para uma perspetiva de habitação se repercute no conceito e no significado da arquitetura.

(...)

[o autor ao longo do texto vai colocando questões como:]

Como é que os actos humanos de criação de mundos diferem dos processos pelos quais os animais não humanos moldam os seus ambientes?

Como é que podemos distinguir um ambiente construído de um ambiente não construído?

E onde, num ambiente que tem a marca da atividade humana, podemos traçar a linha entre o que é, e o que não é, uma casa, um edifício ou um exemplo de arquitetura?

THE BUILDING PERSPECTIVE [A PERSPECTIVA DA CONSTRUÇÃO]

"Here, then, is the essence of the building perspective: that worlds are made before they are lived in; or in other words, that acts of dwelling are preceded by acts of worldmaking." (p. 179)

Aqui está, então, a essência da perspectiva da construção: que os mundos são feitos antes de serem vividos; ou, por outras palavras, que os actos de habitar são precedidos por actos de fazer mundos.

THE DWELLING PERSPECTIVE [A PERSPECTIVA DO HABITAR]

Recorro ao evocativo ensaio de Martin Heidegger, "Building Dwelling Thinking", no qual me baseei para o meu título (Heidegger 1971: 145-61). Neste ensaio, Heidegger pergunta o que significa construir e habitar, e qual é a relação entre os dois - entre construir e habitar. Começa com o que pode ser considerado a visão hegemónica, consagrada no discurso da modernidade ocidental. Ou seja, a construção e a habitação são actividades separáveis mas complementares, relacionadas como meios para atingir fins. Construimos casas para nelas habitarmos (ou, como é habitual na sociedade industrial, algumas pessoas constroem casas para outras pessoas habitarem). Habitar, neste sentido, significa apenas "ocupar uma casa, um local de habitação". O edifício é um contentor para as actividades da vida, ou mais estritamente para certas actividades da vida, uma vez que há outros tipos de actividade que se desenvolvem fora das casas, ou ao ar livre. No entanto, pergunta Heidegger, "será que as casas, em si mesmas, têm alguma garantia de que a habitação ocorre nelas?" (1971: 146). Para clarificar as coisas, chamemos à estrutura física, ao edifício em si, a casa; e ao ambiente em que as pessoas habitam, o lar (Lawrence 1987). A pergunta de Heidegger pode então ser reformulada da seguinte forma: o que é preciso para que uma casa seja um lar (Pearson e Richards 1994: 6)? O simples facto de colocar a questão desta forma sugere que a habitação deve ser mais do que o mero facto de ser ocupada. O que é que significa, então, "habitar" [*to dwell*, no original]?

Heidegger aborda a questão através de um exercício de etimologia. A palavra alemã atual para o verbo "construir", *bauen*, vem do inglês antigo e do alto alemão *buon*, que significa "habitar". (...) Em suma, onde antes a construção estava circunscrita à habitação, a posição parece agora invertida, com a habitação circunscrita à construção. (...)

"Não habitamos porque construímos, mas construímos e construímos porque habitamos, isto é, porque somos habitantes... Construir já é em si mesmo habitar. *Só se formos capazes de habitar, só então podemos construir*" (Heidegger 1971: 148, 146, 160, ênfases originais). **Considero que esta é a afirmação fundadora da perspectiva do habitar** [dwelling perspective]. **O que significa é que as formas que as pessoas constroem, seja na imaginação ou no terreno, surgem na corrente da sua actividade implicada, nos contextos relacionais específicos do seu envolvimento prático com o meio circundante. A construção, portanto, não pode ser entendida como um simples processo de transcrição, de um projeto pré-existente do produto final para um substrato de matéria-prima. É verdade que os seres humanos - talvez de forma única entre os animais - têm a capacidade de imaginar formas antes da sua implementação, mas esta imaginação é, ela própria, uma actividade levada a cabo por pessoas reais num ambiente do mundo real, e não por um intelecto desencarnado que se move num espaço subjetivo no qual estão representados os problemas que procura resolver.** Em suma, as pessoas não importam as suas ideias, planos ou representações mentais para o mundo, uma vez que esse mesmo mundo, para usar uma frase de Merleau-Ponty (1962: 24), é a morada (homeland) dos seus pensamentos. **Só porque já o habitam é que podem ter os pensamentos que têm.**

(...)

Uma perspectiva do habitar atribui a génese da forma aos próprios processos cuja criatividade é negada pela perspectiva que vê em cada forma a realização concreta de uma solução intelectual para um problema de design.

(...)

Para qualquer animal, as condições ambientais de desenvolvimento são susceptíveis de ser moldadas pelas actividades dos seus predecessores. O castor, por exemplo, habita um ambiente que foi significativamente modificado pelo trabalho dos seus antecessores, na construção de barragens e abrigos, e que, por sua vez, contribuirá para a formação de um ambiente para a sua prole. É nesse ambiente modificado que se desenvolvem as orientações corporais e os padrões de actividade do castor. O mesmo acontece com os seres humanos. As crianças humanas, tal como as crias de muitas outras espécies, crescem em ambientes fornecidos pelo trabalho de gerações anteriores e, ao fazê-lo, passam a transportar literalmente as formas da sua habitação nos seus corpos - em competências, sensibilidades e disposições específicas. Mas não as transportam nos seus genes, nem é necessário invocar qualquer outro tipo de

veículo de transmissão intergeracional de informação - cultural e não genético - para explicar a diversidade das formas de vida humana. (...)

Podemos agora ver como, adoptando uma perspectiva de habitar - isto é, tomando como ponto de partida o animal no seu ambiente e não o indivíduo autónomo - é possível dissolver as dicotomias ortodoxas entre evolução e história, e entre biologia e cultura. (...)

A construção [*building, no original*] é, portanto, um processo que se desenrola continuamente, enquanto as pessoas viverem num ambiente. (...)

Podemos, de facto, descrever as formas do nosso ambiente como instâncias de arquitetura, mas, na sua maioria, não somos arquitectos. Porque é no próprio processo de habitar que construímos. (...)

Excertos retirados do capítulo INGOLD, Tim, 2000. "Building, dwelling, living: how animals and people make themselves at home in the world", *The Perception of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. London: Routledge, págs. 172-188.

Atenção: tradução livre de Teresa Fradique NÃO CITAR.

Construções primitivas e elementares ([1969] 1988)

Ernesto Veiga de Oliveira, Fernando Galhano e Benjamim Pereira

Neste trabalho propomo-nos estudar as formas mais simples, morfológicamente elementares e cronológicamente primárias, da construção, existentes em Portugal, que aproveitam fundamentalmente os materiais locais, tais como eles se encontram na natureza, ou, quando muito, com qualquer ligeiro afeiçoamento, segundo sistemas ou processos mais ou menos elaborados, mas de tipo arcaico e alheios a conceitos propriamente tecnicistas.

Excluiremos pois, desta categoria geral, as construções mais evoluídas e diferenciadas, que utilizam a telha, o tijolo, o cimento ou outros materiais de fabrico industrial, e que requerem ferramenta complexa.

As construções primitivas, assim definidas de um modo geral, parecem sem dúvida corresponder ao conceito corrente de abrigos; e de facto nos primórdios da civilização humana, todas as construções ou formas habitacionais não eram mais do que simples abrigos. Tênicamente, porém, dentro daquela definição, e em relação ao presente, distinguiremos abrigos e construções primitivas propriamente ditas: os primeiros são construções sumárias e normalmente muito exíguas, de habitação temporária ou mesmo ocasional, em certos casos móveis, mal se podendo, nos seus tipos mais rudimentares, falar, a seu respeito, de sistemas ou estilos com características regionais; as segundas são edificações fixas e para habitação ou utilização permanente ou normal, obedecendo a sistemas de construção bem definidos com nítida diferenciação tipológica ou regional.

Além, pois, dos abrigos qualificados, que estudaremos nas suas várias espécies - naturais e semi naturais, ou artificiais, construídos pelo Homem ; em pedra ou em materiais vegetais; fixos ou móveis -, incluiremos, na categoria das construções primitivas propriamente ditas: 1) Construções de planta circular, inteiramente em materiais vegetais (de forma cónica), ou apenas com a cobertura nesses materiais, assente em paredes baixas de pedra, ou inteiramente em pedra (construções em falsa cúpula), que constituem realmente formas arcaicas de construção, com muito limitadas possibilidades de desenvolvimento, e que correspondem, por isso, aos estádios de vida e cultura simples e primitivos. Deste grupo excluiremos porém as construções cuja forma resulta não de uma corrente cultural ou histórica, mas de imposições funcionais; tal é o caso por exemplo, dos moinhos de vento e dos fornos, que serão aqui mencionados apenas na medida em que as suas características arquitectónicas se relacionem

com outros tipos locais tradicionais de construções redondas. Por outro lado, nele incluiremos, em alguns casos – nomeadamente quando coexistem com construções redondas semelhantes – as construções com paredes baixas de pedra e cobertura cónica de materiais vegetais, mas de planta quadrada, que se podem então considerar uma variante daquelas, apenas um pouco evoluídas mas pertencendo à mesma corrente tradicional ou cultural. 2) Construções de planta quadrangular inteiramente em materiais vegetais. 3) Construções também de planta quadrangular, com a cobertura em materiais vegetais, assente porém em muros de pedra – estas últimas, como é evidente, apenas em certos casos especiais: nas suas formas mais elaboradas, elas constituirão já os tipos iniciais da casa normal ulterior, diferenciada ou grande.

O primitivismo destas construções não significa que elas correspondam necessariamente aos níveis sociais inferiores, mas sim, designadamente nos casos mais característicos, a certas actividades particulares, por sua natureza rudes e duras, e não raro de carácter especificamente arcaico: assim, por exemplo, os abrigos móveis dos pastores, que são um último reflexo de um passado de pastoreio semi nómada; os fornos e cortelhos pastoris serranos, de toscas pedras encasteladas em falsa cúpula, únicos abrigos possíveis na áspera solidão das alturas quase inacessíveis; as casas de materiais vegetais dos pescadores, que evocam um litoral deserto e de difícil acesso, dos períodos pioneiros do seu povoamento; etc.

De facto, porém, elas são formas de habitação muito precárias, onde as pessoas vivem, geralmente, em condições de grande – por vezes total – desconforto, que hoje em dia mal se aceita, e que estão por isso condenadas a desaparecer, votadas ao desprezo que em geral merecem as formas ultra passadas, ou integradas em contextos que evoluíram para além delas. Com elas desaparecerá também a memória de processos de construir peculiares, singelos ou engenhosos, que representam soluções adequadas a certos condicionamentos locais, e cuja necessidade, hoje, com a uniformização dos materiais industriais, a facilidade dos transportes, a divulgação dos conceitos arquitectónicos racionais, deixou de se fazer sentir (2). Mas parece nos que, desses sistemas e processos, alguns ensinamentos se poderiam reter, não só como elementos de conhecimento do Homem e da interpretação histórica da sua cultura, em especial nos domínios da arqueologia, mas mesmo como sugestões aproveitáveis e válidas, esteticamente e funcionalmente, para a arquitectura de todos os tempos, produto de uma sã experiência secular de adaptação a circunstâncias locais, que se aperfeiçoaria com eventuais ajustamentos ditados pelos conhecimentos actuais.

Excertos retirados do capítulo OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando; et PEREIRA, Benjamim. *Construções primitivas e elementares* In: *Construções primitivas em Portugal* [en ligne]. Lisboa: Etnográfica Press, 1988.

DOSSIER DE APOIO À CRIAÇÃO DA OFICINA ABRIGAR E CUIDAR.

Não dispensa consulta dos textos completos originais e restantes materiais do moodle.

Bibliografia complementar:

VER MOODLE